

# Sarney vai chamar governadores para derrotar parlamentarismo

BRASÍLIA — Confiante na aprovação do mandato de cinco anos na Comissão de Sistematização, ainda que por "uma vantagem apertada", o presidente José Sarney não pediu ao governador Orestes Quéricia, com quem almoçou no Alvorada — e o governador não prometeu — ajuda para garantir a vitória do mandato de cinco anos, amanhã na Sistematização. Sarney está dando início a uma série de encontros com os governadores presidencialistas, na tentativa de conquistar votos suficientes para derrotar, em plenário, o parlamentarismo.

Em entrevista ao deixar o Alvorada, Quéricia negou que o presidente esteja disposto a adotar represálias contra os constituintes que optarem pelos quatro anos de mandato. "Sarney está sereno, está tranquilo" contou pouco depois ao presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, em encontro na apresentação de São Paulo em Brasília.

**Consideração** — "O presidente", disse o governador, "não tem essa

disposição, mesmo porque ele não tem o direito de exigir que o deputado ou o senador vote de um jeito ou de outro. Os que votarem pelos quatro anos merecem a mesma consideração dos outros. Essa é a opinião do presidente".

Depois de ter se posto em confronto com o ex-porta-voz Frota Neto, que na quarta-feira anuncia a intenção de Sarney de declarar guerra aos constituintes adeptos dos quatro anos, ontem Quéricia procurou amenizar a situação: "Eu não perguntei ao Presidente sobre isso. Mas a impressão que eu tenho é de que ele não tem nenhuma restrição a parlamentares que, eventualmente votem pelos quatro anos".

Durante toda a conversa com o presidente, Quéricia adotou a postura de bombeiro. Concordeu sobre a vantagem dos cinco anos, mas tranquilizou Sarney, ao falarem da possibilidade de derrota: "Esta decisão não será definitiva, porque quem tem poder para decidir, definitiva-

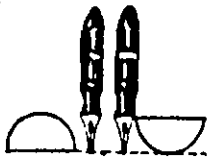
mente, é o plenário da Constituinte. E lá vamos conquistar os cinco anos com presidencialismo".

**Duplicação** — Sarney revelou a Quéricia a intenção de procurar outros governadores para conseguir, no plenário, a manutenção do presidencialismo. Quéricia reforçou essa intenção e disse que ele e seus companheiros terão condições de mudar a tendência até a votação.

Satisfeito com a notícia de que o governo federal aprovou, afinal, a duplicação da BR-116, ligando São Paulo a Curitiba, Quéricia adotou e repetiu à exaustão, na entrevista, um novo argumento pró-eleições diretas em 1989: "Quatro ou cinco anos é uma questão secundária. O certo é que a Constituinte está afetando a estabilidade do governo, gerando intranquilidade. Se sairmos dessa fase para um período passional, como é o período eleitoral, não teremos condições de resolver os problemas do país. Precisamos de um ano de paz e tranquilidade para governar".

## Richa lidera esforço por quatro anos

O senador José Richa (PMDB-PR) e o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), relator do projeto de



Constituição, lideram o esforço de aliciamiento de integrantes da Comissão de Sistematização para que votem amanhã na proposta de quatro anos de mandato para o presidente Sarney. Na noite da quinta-feira, os dois conversaram durante duas horas com o deputado Ulysses Guimarães. No final da tarde, se reuniram com o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), presidente da Comissão de Sistematização e maior batalhador pela adoção do parlamentarismo.

Até o início da semana, Richa admitia votar pelos cinco anos de mandato em troca da adoção do parlamentarismo a partir de março do próximo ano. Exigia, como garantia, um compromisso público do presidente de que

não tentaria derrotar o parlamentarismo quando o projeto for votado, mais tarde, no plenário da Constituinte. Cabral estava disposto, até a última quarta-feira, em votar pelos seis anos.

Como Sarney recusou o compromisso, Richa aderiu às diretas em 1988 com parlamentarismo já. Cabral aderiu à mesma fórmula. O encontro dos dois com Ulysses foi para convencê-lo da urgência de "abreviar a transição política", como explicou Richa, ou, pelo menos, para inibi-lo de qualquer ação que favoreça a concessão do mandato de cinco anos para Sarney. "É preciso oferecer uma saída de esperança para o povo elegendo o sucessor de Sarney no próximo ano", advogou.

— As eleições municipais se encarregarão disso — retrucou Ulysses. — Se o parlamentarismo for aprovado, teremos um novo governo.

— Se Sarney ganhar os cinco anos na Comissão de Sistematização, tutará para derrotar o parlamentarismo no plenário da Constituinte — insistiu o senador.

Richa disse a Ulysses que Sarney perdeu de vez as condições de governar e que sua situação só tende a piorar com o agravamento da crise econômica desatada por fatores internos e externos. "Não basta marcar as diretas para 88. Temos que ter uma estratégia para atravessar a crise, e o parlamentarismo já poderá representar uma estratégia",

argumentou. Ulysses não se comprometeu com a fórmula, mas Cabral saiu do encontro com a impressão de que "Richa pôs minhoca na cabeça dele".

Na cabeça de Arinos, um dos mais influentes membros da Comissão de Sistematização, Richa e Cabral imaginavam plantar a mesma coisa. Arinos lembra, come e dorme pensando na aprovação do parlamentarismo. Não se interessa mais por nada. Mais de uma vez anunciou que votará cinco anos por ser amigo do Sarney e porque Sarney quer cinco anos de mandato. Richa e Cabral pretendiam convencê-lo do contrário. "Se ganhar cinco anos agora, Sarney terá um único problema para resolver no plenário: o sistema de governo", explicou Cabral.

O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, começou a dizer, desde anteontem, que "o importante" é que vença o mandato de quatro anos no plenário. Covas sabe que o perfil político da Comissão de Sistematização é mais para liberal do que para conservador, ao inverso do plenário. O que ele quis dizer é que o mandato de cinco tem mais chances de vencer na votação de amanhã. "Domingo será o dia da traição", profetiza o deputado Saulo Queiroz (MTS-PFL), adepto dos quatro anos. Como os que torcem na Constituinte por quatro ou por cinco anos acham que vão vencer, um dos lados se sentirá traído.

## Quem emendou mais

O deputado Nilson Gibson é o constituinte que mais apresentou emendas ao projeto de Constituição, desde a fase das subcomissões até agora. Entregou nada menos de 1 mil 157 sugestões. Lidera também o ranking das emendas aproveitadas até hoje, com 252. Em média, cada um dos 559 constituintes apresentou 110 emendas. Há, porém, quem não tenha encontrado tempo, disposição ou assunto para apresentar uma proposta sequer à nova Carta. São eles Adauto Pereira (PDS-PB), José Viana (PMDB-RO), Márcio Lacerda (PMDB-MT), Pedro Ceolin (PFL-ES), Victor Trovão (PFL-MA) e Viera da Silva (PDS-MA).

## Voto disfarçado

A melhor forma de descobrir na Comissão de Sistematização um eleitor do mandato de quatro anos disfarçado é identificar quem diz que votará a favor de eleições gerais no próximo ano. A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) é autora da emenda das eleições gerais e insiste que, na hipótese de não aprová-la, votará com os seis anos de mandato. O deputado Gastone Righi, líder do PTB, diz que fará o mesmo. São os únicos. Os votos do PFL para as eleições gerais vão se transferir para o mandato de quatro anos. Os do PT também. Também alguns do PMDB.

## A hora de Covas

Reconhecidamente o melhor orador da Constituinte, o senador Mário Covas só fez, até aqui, dois discursos: o primeiro rendeu-lhe uma vitória que parecia impossível na disputa pela liderança do PMDB na Constituinte. O segundo, por mais brilhante que tenha sido, como foi, não impediu que a última convenção do PMDB resolvesse nada decidir quanto ao mandato de Sarney e o sistema de governo. Amanhã, Covas falará para defender o mandato de quatro anos. Passou o dia de ontem falando baixinho para não gastar a voz.